

# economia

## Redução da jornada pode cortar mais de R\$ 76 bilhões do PIB, aponta CNI

Indústria e comércio são os setores que mais serão impactados caso proposta avance, diz entidade

### / TRABALHO

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou ontem um levantamento inédito que estima que o PIB do País sofrerá uma queda de 0,7% se a jornada de trabalho for reduzida de 44 para 40 horas semanais. Isso equivale a uma perda de R\$ 76,9 bilhões para a economia brasileira.

A entidade destaca que a indústria é o setor que mais será impactado, caso o Congresso Nacional aprove a medida. “O seg-

mento enfrentará a maior queda no PIB em termos relativos, de 1,2%, o equivalente a R\$ 25,4 bilhões. Além da redução nas horas trabalhadas, o aumento generalizado dos preços da economia em razão da alta do custo do trabalho impactará em perda de competitividade para a indústria nacional, ampliando os efeitos negativos da redução da jornada sobre o setor”, diz a CNI.

O levantamento aponta que, em seguida, o setor mais afetado será o do comércio, com retração



Levantamento projeta queda de 0,9% no PIB do comércio, equivalente a R\$ 11,1 bilhões

de 0,9% do PIB, ou R\$ 11,1 bilhões. Depois, aparecem os setores de serviços (-0,8%), agropecuária (-0,4%) e o de construção (-0,3%).

Para o presidente da CNI, Ricardo Alban, a queda do PIB industrial em 1,2% pode acelerar o processo de desindustrialização e terá impacto em toda a cadeia produtiva.

“A maior redução das horas trabalhadas aumentará a exposição brasileira ao mercado externo. A consequência será a perda de competitividade do produto nacional. Assim, a nossa indústria vai perder participação no mer-

cado doméstico e internacional, a partir da redução nas exportações e da alta nas importações”, destaca Alban.

A CNI utilizou um modelo de Equilíbrio Geral Computável (EGC) para calcular os efeitos do aumento de custos causados pela redução da carga horária semanal na economia brasileira. “Os cálculos mostram que, como consequência da elevação do custo do trabalho, haverá, ao fim do processo de ajuste da economia, aumento generalizado dos preços. O impacto será sobre bens e serviços para os consumidores finais, como tam-

bém sobre insumos e matérias-primas para as empresas, o que gera perda de competitividade.”

A indústria defende a separação do debate técnico sobre a redução da jornada de trabalho do calendário eleitoral. “A discussão da redução de jornada é legítima, mas qualquer decisão dessa dimensão deve levar em conta a avaliação de impacto e seus efeitos econômicos. A produtividade no Brasil ainda está muito aquém de países semelhantes e há escassez de mão de obra. Por isso, ainda não é hora de alterar a jornada de trabalho”, afirma Ricardo Alban.

## Balança comercial tem superávit de US\$ 6,405 bilhões em março

### / COMÉRCIO EXTERIOR

A balança comercial brasileira registrou superávit comercial de US\$ 6,405 bilhões em março, segundo dados divulgados ontem pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). O valor foi alcançado com exportações de US\$ 31,603 bilhões e importações de US\$ 25,199 bilhões.

O resultado de março ficou abaixo da mediana das estimati-

vas do mercado financeiro apontada na pesquisa Projeções Broadcast, de superávit comercial de US\$ 7,55 bilhões, após saldo positivo de US\$ 4,208 bilhões em fevereiro. As estimativas do mercado para esta leitura variavam de US\$ 5,9 bilhões a US\$ 8,5 bilhões.

Em março, as exportações registraram alta de 10% na comparação com o mesmo mês de 2025, com crescimento de 1,1% em Agropecuária, que somou US\$ 8,256 bilhões; avanço de 36,4% em Indústria Extrativa, que che-

gou a US\$ 7,359 bilhões; e, por fim, crescimento de 5,4% em Indústria de Transformação, que alcançou US\$ 15,822 bilhões.

As importações subiram 20,1% em março ante igual mês de 2025, com queda de 10,2% em Agropecuária, que somou US\$ 517 milhões; alta de 24,1% em Indústria Extrativa, que chegou a US\$ 1,171 bilhão; e expansão de 20,8% em Indústria de Transformação, que totalizou US\$ 23,347 bilhões.

De acordo com a Secex, a balança comercial brasileira acu-

mulou superávit de US\$ 14,175 bilhões no ano até março. O valor no primeiro trimestre foi alcançado com exportações de US\$ 82,338 bilhões e importações de US\$ 68,163 bilhões e é 47,6% maior do que no mesmo período de 2025.

No acumulado de 2026, comparado ao mesmo período de 2025, as exportações registraram alta de 7,1%, com crescimento de 2,4% em Agropecuária, que somou US\$ 17,205 bilhões; alta de 22,6% em Indústria Extrativa,

que chegou a US\$ 20,816 bilhões; e, por fim, crescimento de 2,8% em Indústria de Transformação, que alcançou US\$ 43,864 bilhões.

As importações subiram 1,3% de janeiro a março de 2026 ante o mesmo período de 2025, com queda de 19,9% em Agropecuária, que somou US\$ 1,379 bilhão; queda de 7,4% em Indústria Extrativa, que chegou a US\$ 2,772 bilhões; e, por fim, crescimento de 2,3% em Indústria de Transformação, que alcançou US\$ 63,540 bilhões.

## Vendas de veículos sobem e têm melhor resultado para março em 13 anos, mostra Fenabrave



Comercialização de zero quilômetro tiveram alta de 37,9% em março

### / INDÚSTRIA AUTOMOTIVA

No melhor resultado para o mês em 13 anos, as vendas de veículos zero quilômetro tiveram crescimento de 37,9% em março, no comparativo com igual período de 2025, chegando a 269,5 mil unidades. Divulgado ontem, pela Fenabrave, a entidade que representa as concessionárias, o número engloba carros de passeio, utilitários leves, caminhões e ônibus.

Frente a fevereiro, o aumento foi de 45,6%. Ambas as comparações são feitas contra meses

de Carnaval, o que reduz o número de dias úteis. Além do calendário, houve um aumento no ritmo de vendas, que permitiu o maior número de veículos vendidos para o mês desde 2013, quando foram emplacadas 283,9 mil unidades em março.

Com isso, o primeiro trimestre terminou com 625,1 mil veículos vendidos, 13,3% acima do total registrado nos três primeiros meses de 2025.

As vendas de motos, por sua vez, tiveram crescimento de 33,5% em março, na comparação com o mesmo mês do ano passa-

do. O balanço mostra que 221,6 mil motocicletas foram comercializadas no mês passado.

Na comparação com fevereiro, a alta foi de 29,2%. Com isso, as vendas de motos chegaram a 571,6 mil unidades no acumulado do primeiro trimestre, um crescimento de 20,6% frente aos três primeiros meses do ano passado.

O desempenho se deve à expansão dos serviços de entrega (delivery), além da busca por alternativas de mobilidade individual mais baratas e da ampliação do uso do consórcio como modalidade de aquisição.